

PESQUISAS

A ESQUERDA RADICAL DE OSASCO (SÃO PAULO, BRASIL)

Sérgio Luiz Santos de Oliveira*

O objetivo da presente pesquisa é traçar a trajetória do Grupo de Osasco. Esta designação é utilizada por Antonio Roberto Espinosa, uma das principais lideranças de esquerda do município no período em estudo. José Ibrahim, eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco em 1967, costuma se referir ao grupo como *Grupo de Esquerda*, assim como o fez Francisco Weffort em *Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968*. São Paulo, Cebrap, 1972. Também já ouvi e expressão *Grupo de Esquerda de Osasco*. Optei por utilizar *Grupo de Osasco*, pois seu caráter de esquerda já vem enunciado no título de meu projeto. O grupo em questão era formado por jovens militantes desta cidade, todos na faixa dos vinte anos, sendo os mesmos operários, estudantes e estudantes-operários. Estes ativistas atuaram no município entre 1966 e 1968, após esta data, os militantes do grupo passaram à luta armada, dispersando-se por várias regiões do Brasil.

O Grupo de Osasco jamais se articulou enquanto movimento regido por estatutos e regras internas, era sim um grupo de jovens inquietos, movidos por um sentimento de rejeição à ditadura, adeptos do marxismo e dispostos a lutar contra o regime dos militares. A análise não se restringirá as trajetórias pessoais dos militantes osasquenses, meu objetivo é traçar a história desses jovens dentro do panorama de resistência a ditadura. Não pretendo atribuir uma pretensa excepcionalidade revolucionária ao município de Osasco, e sim encará-lo na perspectiva de pólo aglutinador de forças de esquerda, assim como o foi, em determinadas épocas do século XX, a cidade de Santos, certas regiões do interior de São Paulo, o ABC; regiões do Rio de Janeiro, Recife. Assim como outras, Osasco foi considerada cidade vermelha, e é nessa perspectiva que pretendo trabalhar.

Talvez o diferencial dessa cidade seja o caráter original que a esquerda local assumiu, representada por um grupo de jovens na faixa dos vinte anos, militantes que já adentraram ao universo da esquerda distantes das teses do PCB, e que possuíam formas de atuação que também destoavam dos demais movimentos de esquerda do país. Não podemos en-

carar o Grupo de Osasco isoladamente, por isso pretendo cotejar a atuação do PCB na cidade, o processo de rachas na esquerda e as posições das esquerdas locais. Outro objetivo será identificar mais a fundo as especificidades do movimento operário local, com destaque para a atuação da FNT e as comissões de fábrica. Sobre o movimento estudantil local, também será necessária uma maior atenção, posto que neste se deu o início da atuação política do Grupo de Osasco. Não esquecendo a necessária análise sobre as organizações revolucionárias atuantes no período pós 68, com ênfase sobre a VPR, pois neste agrupamento grande parte da militância radical de Osasco irá se engajar.

Divido esta pesquisa em três etapas, relacionadas à trajetória do Grupo de Osasco. A primeira delas abrange o período que vai de 1966 a 1967, delimitada pela *setembrada* e a conquista do sindicato dos metalúrgicos, com um breve histórico da formação política da militância osasquense anterior a 1966. O segundo período abrange a vitória da chapa verde em 1967 até o fim de greve de julho de 1968; abordo o crescimento da influência do Grupo de Osasco no município, suas frentes de atuação, as formas de organização dos trabalhadores, com atenção especial sobre as comissões de fábrica, e uma leitura atenta sobre a vaga revolucionária de 1968. O terceiro período cobre o início da clandestinidade dos militantes osasquenses, na segunda metade de 1968, sua adesão à VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), rachas posteriores, e se encerra com a morte de José Campos Barreto, juntamente com Carlos Lamarca, no interior da Bahia. Escolhi essa data como limite porque a última grande liderança do Grupo de Osasco a ser contida pela repressão foi Zequinha Barreto.

A maior parte dos estudos relacionados a Osasco e suas lutas sociais nos anos sessenta tem como foco a greve de julho de 1968 e a atuação da VPR na cidade, devido sobretudo ao recrutamento do capitão Carlos Lamarca (que servia em Quitaúna, bairro do município) para a luta armada. Ao Grupo de Osasco, sempre se fez menção em estudos e pesquisas sobre o período, principalmente por sua ligação com o sindicato dos metalúrgicos, ou por sua participação na luta armada. Até agora não se realizaram pesquisas que abordassem a trajetória, a estrutura interna e os preceitos teóricos internos a esse grupo; em suma, ainda não se publicou um estudo específico sobre o Grupo de Osasco.

O primeiro estudo acadêmico a fazer menção ao Grupo de Osasco é o conhecido trabalho de Francisco Weffort, citado acima. O foco deste estudo são as greves de 1968, e é ressaltada pela primeira vez a figura do estudante-operário, categoria marcante nos movimentos sociais osasquenses da época.

Uma série de periódicos de esquerda, organizados por militantes no exílio, também publicaram análises e balanços sobre a greve de julho, dentre estes destaco uma entrevista concedida por José Ibrahim para a revista *Unidade e Luta*, em 1972. Esta entrevista foi

publicada juntamente com um texto de Antonio Roberto Espinosa, mais um balanço da greve redigido ainda em 1968, assinado por José Ibrahim e José Campos Barreto, numa coletânea organizada por Celso Frederico intitulada *A Esquerda e o Movimento Operário – 1964-1984*. São Paulo, Novos Rumos, vol.1,1987.

Praticamente todas as obras que retratam os movimentos de contestação ao regime militar no explosivo ano de 1968 fazem menção a Osasco, mais especificamente à greve de julho, última de um ciclo que só ressurgiria em 1978, já numa outra conjuntura e com um caráter bem mais moderado. Passando por romances como *Obscuros Heróis de Capricórnio*, (São Paulo: Global, 1987), de Orlando Miranda, obra de caráter biográfico, que aborda o movimento estudantil e operário de Osasco, com referências às principais lideranças do Grupo de Osasco, até obras de cunho jornalístico, como *1968: o ano que não acabou* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988), de Zuenir Ventura. Outras publicações de viés jornalístico também fazem menção a cidade, como *Autopsia do Medo: vida e morte do delegado Sérgio Paranhos Fleury*, São Paulo, Editora Globo, 2000, de Percival de Souza, biografia do delegado que dá título à obra. Neste livro, Osasco está relacionada com a VPR, sobretudo com relação à adesão de Carlos Lamarca a essa organização, e sua fuga do 4º RI em Quitaúna, acompanhado de sua célula comunista. Elio Gaspari também faz menções a Osasco em *A ditadura envergonhada* e *A ditadura escancarada*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, volumes 1 e 2 da série “As ilusões armadas”, relacionando greve de julho e VPR, e mencionando o agrupamento comunista de Quitaúna, além de longa referência ao capitão Lamarca .

Mais especificamente com relação a guerrilha, temos *Combate nas Trevas*, de Jacob Gorender, São Paulo, Ática, 1987, sobrevivente da luta armada, que dedica um capítulo desse livro à trajetória da Polop, e sua posterior transformação em VPR, em São Paulo, com várias menções ao Grupo e Osasco. Marcelo Ridenti também dedica um capítulo de *O Fantasma da Revolução Brasileira* (São Paulo: Editora da UNESP, 1993) a Osasco, aqui já há menções mais detalhadas ao Grupo de Osasco, com depoimentos de Antonio Roberto Espinosa e João Quartim de Moraes (dirigente da VPR que recrutou boa parte dos militantes osasquenses). Neste livro, surge uma maior definição do Grupo de Osasco e de seu funcionamento, também há referências sobre a articulação do grupo dentro da VPR, sua posição obreirista, com ênfase no trabalho de massas, além da postura do grupo com relação à fusão com o COLINA (Comandos de Libertação Nacional, grupo remanescente do racha da Polop em Minas), e posterior criação da VAR-PALMARES (Vanguarda Armada Revolucionária Palmares); além do posterior racha da nova organização, promovido por Lamarca, que ressuscitaria a VPR. Com viés mais teórico e menos factual, Daniel Aarão dos Reis Filho, em *A Revolução faltou ao encontro*, São Paulo, Brasiliense,

1990, faz menção ao movimento operário de Osasco, o insere nas lutas sociais de 1968, e comenta as ressalvas feitas por alguns teóricos da VPR ao trabalho de massas pretendido pelos osasquenses, que motivaria atritos e rancores entre os militantes desta organização. Porém, não há uma análise específica sobre o tema de minha pesquisa, sua abordagem é de caráter mais geral.

Há algumas teses e dissertações referentes ao movimento operário osasquense. Temos os estudos produzidos por Orlando Miranda, como a tese de doutorado “Campeões (pequena biografia de um processo social)”, defendida pelo departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP em 1984, posteriormente transformada no romance *Obscuros Heróis de Capricórnio* (Edição citada), um estudo sociológico sobre a jovem militância de esquerda de Osasco, que apresenta de forma mais geral os ativistas do município, sem formalizar o Grupo de Osasco. Do mesmo autor, temos “Sindicato e Classe Operária: História do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco”, tese de livre docência defendida pelo departamento de Ciências Sociais da FFLCH-USP em 1987, que conta a história do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, desde a sua fundação até finais dos anos setenta. Do Departamento de História da PUC-SP, foi publicada a dissertação de mestrado de Ari Marcelo Macedo Couto, intitulada *Greve na Cobrasma: uma História de luta e resistência*, São Paulo: Annablume, 2003: estudo mais focado na atuação da FNT, que apresenta uma análise sobre a formação das comissões da fábrica na Cobrasma, e o debate interno a essas comissões entre católicos e operários de esquerda, ligados ao Grupo de Osasco. Também pela PUC-SP, há o estudo “A cidade de Osasco: JOC, ACO e JUC no Movimento Operário (1960-1970)” de Paulo Sérgio de Jesus, dissertação de mestrado em História defendida em 2007, que aborda o catolicismo operário militante no município. Outra tese de doutorado da PUC é “A Escola Secundária e a Cidade: Osasco, anos 1950/1960”, defendida pelo programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS), em 2006, por Sonia Martin, que discute a formação do colégio CENE-ARTE, por onde passou boa parte dos ativistas de esquerda da cidade, onde se constituiu *por excelência* a figura do estudante-operário típica do município. Da UNESP, podemos destacar a dissertação de mestrado de Fábio André Chagas “A Vanguarda Popular Revolucionária: dilemas e perspectivas da luta armada no Brasil (1968-1972)”, defendida pelo FHDSS, UNESP, Franca, em 2000. A exposição que vimos acima é parcial, representada por estudos aos quais tive acesso até a atualidade. Tracemos agora um breve Histórico do Grupo de Osasco com o conteúdo que reuni até o momento.

Em meados da década de sessenta, o município de Osasco apresentava peculiaridades que o diferenciava dos demais de sua região, para não dizer de todo o Estado e do país. A cidade obtivera sua emancipação depois de acirradas batalhas eleitorais e jurídicas, em

um processo que se arrastou pela década de cinquenta, culminando com a autonomia do município em 1962. O processo emancipatório de Osasco foi o único a contar com mobilização e participação popular ativa na História no Brasil.

A partir da década de cinquenta, ainda sob a condição de distrito de São Paulo, Osasco começa a se tornar uma região industrial. A primeira empresa de grande porte construída na localidade foi a Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários (Cobrasma), inaugurada ainda nos anos quarenta. Na metade dos anos sessenta, a cidade já possuía 11 empresas com mais de 500 empregados, além de dezenas de médio e pequeno porte. Das empresas de grande porte, além da Cobrasma, podemos destacar a Braseixos Rockwell S/A, Indústria Elétrica Brown Boveri S/A, Osram do Brasil – Cia. de Lâmpadas Elétricas e Barreto Keller. A essa época, a população da cidade girava em torno de 200 mil pessoas; destas, 49 mil estavam empregadas no setor industrial, sendo que cerca de 20 mil trabalhavam nas indústrias do município, o restante trabalhava em São Paulo ou em localidades vizinhas (WEFFORT. op. cit., pp. 56-57).

No modelo de organização do operariado local, estava a grande peculiaridade de Osasco. Ao longo da década de cinquenta, essa cidade teve participação marcante nos grandes movimentos grevistas de São Paulo; os trabalhadores locais, sobretudo os da Cobrasma, aderiram às grandes greves de 1953 e 1957, conforme Ari M. M. COUTO. *Greve na Cobrasma: uma história de luta e resistência*. São Paulo, Annablume, 2003, p. 44)

A organização do movimento operário no município até o golpe de 64 esteve, via de regra, sob encargo do PCB. Em documentação por mim encontrada no Arquivo do Estado de São Paulo (pastas OS- 0704 e OS 1945), há referências sobre “infiltração” comunista na Cobrasma em 1951-52, sendo a militância comunista acusada de articular greves nesta empresa. Também encontrei referências a um certo Constantino Stoiano (ou Stoianov), dirigente do PCB. Stoiano foi designado para atuar em Osasco no final dos anos 50, era um militante altamente qualificado, tendo passado por cursos e estadias em Praga, Pequim, Moscou e Havana. Antes mesmo do Golpe de 64 (provavelmente nos eventos ocorridos após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, quando o país quase mergulhou em uma guerra civil), agentes da repressão invadiram a casa de Stoiano e encontraram farto material documental, que incluía cartas, fotografias, cartões postais; material altamente incriminatório, que inclusive atestava a condição de dirigente local a Stoiano. O mesmo não se encontrava em sua residência no momento da ação policial; sobre o seu posterior destino, ainda não encontrei referências. O fato de um quadro qualificado como Stoiano ser designado para Osasco no final da década de cinquenta indica um maior interesse por parte do PCB pela região.

Após a emancipação de Osasco, a seção local do Sindicato dos Metalúrgicos também se desmembrou de São Paulo, criando uma sede local, em 1962. Não obstante, o novo sindicato manteve as mesmas estruturas e a mesma linha de atuação de seu congênere paulistano, atrelado ao modelo populista e sob influência do *Partidão*. Contudo, a vaga de questionamentos, críticas e mesmo oposição (interna e externa) ao modelo de atuação pecebista, correntes em todo o território nacional, também chegou a Osasco no começo da década de sessenta. Podemos observar isto pela atuação da FNT (Frente Nacional do Trabalho), criada por volta de 1960, com objetivo de organizar os trabalhadores de maneira distinta ao sindicalismo populista, e também afastá-los da influência do PCB. A FNT era formada por militantes remanescentes da JOC (juventude operária católica), apresentava-se como uma alternativa aos sindicatos oficiais, defendia a criação de “comissões de fábrica”, formadas por operários eleitos por seção, via voto direto, com cargo de dois anos e direito a estabilidade durante este período. As “comissões de fábrica” eram uma forma de afastar os trabalhadores do cupulismo dos sindicatos oficiais, organizando-os pela base. Ao que tudo indica, a primeira “comissão de fábrica” de Osasco, aos moldes da FNT, foi formada na Cobrasma em 1962. Outro modelo de organização paralelo ao sindicalismo oficial foi o “comitê de fábrica”, formado pela primeira vez na Braseixos, empresa vizinha à Cobrasma. Este modelo de organização foi desenvolvido por militantes pecebistas, em processo de afastamento do *Partidão*, que trabalhavam na Braseixos. Tal modelo acabou se espalhando para a Cobrasma, do outro lado da rua. Os “comitês de fábrica” eram semelhantes às “comissões” da FNT, diferenciavam-se por seu caráter marxista, indica Antônio R. ESPINOSA em Dois Relâmpagos na Noite do Arrocho, in. *A esquerda e o movimento operário – 1964-1984*. São Paulo, Novos Rumos, 1987, p. 169. O mesmo me confirmou a informação em entrevista concedida a mim em maio de 2008; também ouvi referências ao assunto de José Ibrahim, em entrevista que me foi dada em 27/01/2009.

Com o golpe de 64, os “comitês de fábricas” foram extintos pela repressão, sobretudo na Braseixos, onde possuíam mais força. Já as “comissões de fábrica”, devido ao seu caráter religioso e distanciamento da influência comunista, sobreviveram aos militares. A partir de 1965, a antiga “comissão” da Cobrasma se transforma em *comissão legal de empresa*, articulando membros da FNT e do extinto “comitê”. A criação do novo órgão se dá após protestos devido à morte de um operário num acidente de trabalho. A comissão legal articulava trabalhadores e patrões, à margem do sindicato. A primeira comissão eleita foi composta por 38 operários, dois por seção; em 1966, foi eleita a segunda comissão, tendo José Ibrahim como presidente e Roque Aparecido da Silva como secretário, como atesta Orlando MIRANDA em *Sindicato e Classe Operária: História do sindicato dos metalúrgicos de Osasco*. Tese de Livre Docência em Ciências Sociais pela FFLCH-USP. São

Paulo, 1987, pp. 163-164. Outras organizações refratárias ao PCB, que possuíam bases em Osasco antes de 1964, eram a AP (Ação Popular) e a ORM-POLOP (Organização Revolucionária Marxista Política Operária), ambas de atuação discreta. Também há referências a alguma militância trotsquista na cidade com pouca ressonância.

O movimento estudantil de Osasco igualmente apresentou características diferentes dos demais movimentos estaduais e mesmo nacionais. Logo após a autonomia do município, foi criada a UEO (União dos Estudantes de Osasco), por iniciativa de um grupo de universitários que residiam na cidade e estudavam em São Paulo. Em pouco tempo, a UEO passou a congregar os colégios locais, organizando os secundaristas. Boa parte dos estudantes locais trabalhava de dia e estudava à noite, em ginásios de ensino noturno; desses, um número considerável estava empregado nas indústrias da localidade. Começa então a se formar a categoria do estudante-operário. O grande pólo aglutinador dos estudantes-operários foi o colégio CENEART (Colégio e Escola Normal Antonio Raposo Tavarez), localizado a duas quadras da Cobrasma e da Braseixos. Na década de cinquenta, o CENEARTE inaugura seu curso noturno, oferecendo vagas para os operários das empresas locais e de cidades vizinhas. Pelo CENEARTE, passaram Antonio Roberto Espinosa e José Campos Barreto, grandes agitadores dos movimentos sociais do município na segunda metade da década de sessenta. No convívio escola-trabalho, este grupo de jovens articulou aquilo que seria chamado de Grupo de Osasco.

Com o assalto ao poder pelos militares e seus aliados civis em 1964, a UEO foi fechada pela repressão, porém, pouco tempo depois a antiga agremiação foi ressuscitada com o nome de CEO (Círculo dos Estudantes de Osasco), também congregando estudantes-operários. Em pouco tempo, o CEO se tornou hegemônico no movimento estudantil local.

O primeiro grande ato organizado pelo CEO foi à *setembrada* de 1966. A *setembrada* foi uma onda de protestos contra a ditadura convocada pela UNE, em setembro de 1966. O núcleo organizatório destes protestos em Osasco foi o CENEARTE; deste colégio, partiram passeatas que percorreram toda a cidade. A partir deste feito, as lideranças do CENEARTE passaram a ter destaque em toda a cidade, a *setembrada* marca o início da trajetória do Grupo de Osasco.

De acordo com Antonio Roberto Espinosa, em entrevista concedida a mim em maio de 2008, o Grupo de Osasco, em seu auge, chegou a reunir em torno de sessenta pessoas, sendo que destas, em torno de quinze formavam o núcleo dirigente. Segundo o mesmo, este grupo possuía um caráter informal, o que dava coesão a esses ativistas era sua postura de oposição radical ao regime militar; uma ânsia por justiça social e o interesse pelo marxismo. Outro ponto em comum a esses jovens militantes, como já mencionado, era o

completo afastamento da esfera de influência do PCB, praticamente todos eles já adentraram ao marxismo distantes das teses do *Partidão*. Havia nuances internas no que respeita ao radicalismo revolucionário, porém, o combate à ditadura e a luta pelos direitos dos trabalhadores e dos estudantes era ponto pacífico no grupo.

Em 1967, o Grupo de Osasco realiza seu grande salto político com a conquista do Sindicato dos Metalúrgicos da cidade. Com o Golpe de 64, o sindicato dos metalúrgicos local ficara sob intervenção, dirigido por Luís Camargo, pelego indicado por Adhemar de Barros. Luís Camargo era um diretor fraco, sem nenhuma base político-ideológica; desde o início de sua gestão, buscou dialogar com as antigas lideranças, que giravam em torno de FNT e de alguns militantes do PCB que sobreviveram a repressão dos militares. Em 1965, é eleito, com anuência de Luís Camargo, Henos Amorina, sem vínculos partidários e de pouca experiência organizativa. Sob a gestão, é articulada a primeira comissão de fábrica da Cobrasma, (MIRANDA, op. cit., pp 93-109).

A gestão de Henos Amorina é anódina, o que abre espaço para a rearticulação das antigas forças que controlavam o sindicalismo local antes de 64, permite a manutenção da influência da FNT e também o aparecimento de uma nova força no meio operário local, o Grupo de Osasco. Num movimento contrário às antigas lideranças osasquenses, articuladas em torno do desprestigiado PCB, forma-se uma articulação entre a FNT e um grupo organizado a partir do “comitê de fábrica” da Cobrasma, encabeçado por José Ibrahim. Ele foi convidado pela Frente para participar da chapa devido a sua influência no meio operário, sobretudo na Cobrasma, onde fora presidente da comissão legal de empresa. Formam-se três chapas para a eleição sindical de 1967, a Chapa Azul, encabeçada por Henos Amorina, que se unira ao velho sindicalismo pecebista, a Chapa Amarela, com Jeremias Miranda à frente, representando o “novo sindicalismo”, voltado a questões administrativas e assistenciais, muito ao gosto da ditadura, e a Chapa Verde, unindo Ibrahim e a FNT. A Chapa Azul venceu em todas as fábricas, menos na Cobrasma, que era majoritária entre os sócios do sindicato, e nesta, a Chapa Verde obteve 95% dos votos, o suficiente para vencer o pleito, indica MIRANDA, op. cit., pp. 177-180.

O controle do sindicato dos metalúrgicos fazia parte de uma estratégia amplamente discutida entre os membros do Grupo de Osasco, que viam sérias limitações no trabalho sindical, mas encaravam esse meio como propício para se ampliar as proposições do grupo, expandir a organização dos operários em comissões de fábrica e ir realizando um trabalho de conscientização molecular entre os trabalhadores, dentro das concepções revolucionárias que norteavam o grupo. José Ibrahim era minoria na diretoria do sindicato dos metalúrgicos, mas entre os trabalhadores era uma liderança incontestada. Através do mecanismo das assembléias, os pontos de atrito entre os membros da diretoria do sindic-

to (que em sua maioria pertenciam a FNT) eram postos em votação geral, e nestas assembleias, as propostas defendidas por Ibrahim saíam sempre vitoriosas. Desde a conquista do sindicato, Ibrahim e demais membros do Grupo de Osasco realizavam um trabalho diário de conscientização dos trabalhadores, fábrica por fábrica, o que ampliou a criação das comissões e possibilitou o surgimento das “vanguardas de fábrica”, agrupamentos de operários de militância destacada, sob influência direta do Grupo de Osasco, em entrevista de José IBRAHIM para Unidade e Luta, in *A esquerda e o movimento operário – 1964-1984*. op. cit., pp. 192-241.

Dentro de sua proposta revolucionária, o Grupo de Osasco também organizou cursos de teoria marxista, onde se estudava o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels; conceitos retirados de *O Capital*, como “Salário Preço e Lucro” e “Mais Valia”; teoria das classes baseado em *O Estado e a Revolução* de Lênin, dentre outros. Estes cursos eram ministrados pelos membros do Grupo e aplicados no sindicato dos metalúrgicos e na sede do CEO, localizada no centro do município. Os frequentadores eram principalmente estudantes e operários. Pouco antes do AI-5, os cursos estavam sendo ministrados em associações de bairro também organizadas pelo Grupo de Osasco.

A renovada militância osasquense teve ainda participação decisiva nas eleições municipais de 1967. A essa altura, o prestígio da jovem esquerda local, organizada no CEO e no sindicato, era uma realidade, o que motivou um também jovem candidato a prefeitura da cidade pelo MDB (oposição), chamado Guaçu Piteri, a buscar o apoio do CEO. A recomendação da UNE era pelo voto nulo em âmbito nacional, porém, depois de acirradas discussões, o Grupo de Osasco optou por manter as recomendações da UNE em nível estadual e nacional, mas em âmbito municipal optou por apoiar o candidato do MDB. Guaçu Piteri era um jovem advogado egresso do janismo, em sua versão mais à esquerda, e sempre se posicionara contrário ao golpe de 64; assim, propunha-se a realizar um governo de oposição ao regime militar. A participação no pleito era coerente com a proposta do Grupo de Osasco de atuar em várias frentes, valorizando qualquer espaço de atuação. Destarte, um militante do grupo, Pedro Proscursin, foi lançado como candidato a vereador, e também foi dado apoio a Dulcídio Vieira dos Santos (egresso do movimento operário) e Saburo Matsubara (sindicato dos bancários). Os três candidatos a vereador apoiados pelo Grupo foram eleitos, assim como o novo prefeito. Para o secretariado de Guaçu Piteri, foram designados alguns membros do Grupo de Osasco, (Entrevista com Antonio Roberto Espinosa, maio de 2008; entrevista com Roque Aparecido da Silva, novembro de 2008).

O primeiro ato de repercussão nacional envolvendo os ativistas de esquerda osasquense se deu no comício do 1º de maio de 1968, na Praça da Sé. Em finais de 1967, fora

criado o MIA (Movimento Intersindical Anti-Arrocho), com o objetivo de congregar os sindicatos paulistas em uma luta de caráter moderado contra a política salarial recessiva do regime militar. O tom moderado dos idealizadores do MIA o indispsôs com as oposições sindicais - a essa altura, já capitaneadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. Para o 1º de maio, foi programado um grande ato na Praça da Sé, contudo, as lideranças moderadas do MIA aceitaram a presença do governador paulista da época, Abreu Sodré, pertencente à ARENA. A presença do governador foi rechaçada pelas oposições sindicais, que organizaram uma violenta manifestação de repúdio. De Osasco, partiram dezenas de ônibus, repletos de operários armados com barras de ferro. O desfecho apoteótico do ato se deu com a expulsão de Abreu Sodré do palanque em que discursava para os trabalhadores, após ser atingido por uma pedrada, ato seguido pela invasão do mesmo palanque por operários ligados às oposições sindicais, que proferiram discursos contra a ditadura. Representando Osasco, discursou José Campos Barreto.

Entretanto, o grande feito organizado pela esquerda militante de Osasco foi a greve de julho de 1968. Ela veio se juntar aos grandes atos de repúdio à ditadura que desde março sacudiam o país. A começar pela grande greve de Contagem, movimento relativamente bem sucedido; mais passeatas estudantis, ocupações de universidades, início das ações de guerrilha urbana; efervescência cultural, insubordinação política no congresso. Some-se a isso o maio francês; demais levantes estudantis na Europa, no México, no Japão, nos EUA. O início da ofensiva dos vietnamitas, acompanhada do aumento da contestação popular contra a guerra do Vietnã nos EUA, país que também assistia ao recrudescimento das lutas pelos direitos civis dos negros. Não esquecendo a movimentação revolucionária latino-americana pós Olas (Organização Latino-Americana de Solidariedade), formada em Havana um ano antes, com o objetivo de fomentar lutas revolucionárias no continente. Além da comoção pela recente morte de Che Guevara na Bolívia. Havia um clima revolucionário no ar que contagiava a juventude em âmbito internacional, e Osasco não esteve imune a essa vaga.

O sucesso do protesto do 1º de maio, somado ao clima de contestação corrente, ajudou na precipitação da greve local, que deveria ser deflagrada em novembro, época do dissídio coletivo. O aumento da insatisfação das bases levou a direção do sindicato dos metalúrgicos, articulados com as comissões de fábrica, a preparar a greve para 16 de julho. O plano era deflagrar a greve na Cobrasma, desta empresa o movimento se alastraria às demais fábricas de Osasco, espalhando-se por São Paulo e Baixada Santista, ultrapassando as fronteiras do Estado e se espraiando por todo o país. Essa greve seria de caráter insurrecional, o objetivo último era o fim da ditadura e as reivindicações imediatas eram: aumento salarial de 35%, aumento de três em três meses de acordo com a elevação do

custo de vida, contrato coletivo de trabalho por dois anos e reivindicações específicas de cada fábrica, analisa José Ibrahim e José Campos Barreto em Manifesto de balanço da greve de julho, in *A esquerda e o movimento operário – 1964-1984*, op. cit., p. 187.

A greve se deu com ocupação de fábrica e detenção de diretores, mais de dois mil operários ocuparam a Cobrasma. Além desta também pararam a Braseixos, a Lonaflex, Barreto-Keller e Fósforo Granada. Contudo, ao contrário do que acontecera em Contagem, houve pouco espaço para negociação, a greve na Cobrasma durou apenas um dia, terminando com uma violenta invasão policial, com dezenas de prisões. No dia seguinte, algumas empresas tentaram aderir ao movimento, mas a violência da repressão aos operários da Cobrasma arrefeceu os ânimos. O Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco também foi invadido e os operários que se encontravam reunidos na sede foram espancados e presos. O movimento durou cerca de cinco dias. Após a greve, a diretoria do sindicato local foi destituída e ocupada por interventores e o movimento operário osasquense não voltaria mais ao modelo de organização e militância do biênio 1967-68.

A onda repressiva pós greve de julho levou as lideranças do Grupo de Osasco, que atuavam no sindicato dos metalúrgicos e no CEO (que também foi fechado) a partir para a clandestinidade. Desde o começo de 1968, quando Osasco começou ganhar notoriedade graças à atuação combativa do sindicato dos metalúrgicos, diversos grupos de esquerda tentaram uma aproximação com a militância do município. Destes, a futura VPR foi a que obteve melhor diálogo com a esquerda local. De acordo com Antonio Roberto Espinosa, o sucesso da VPR em Osasco se deu devido à ausência de cobranças político-ideológicas desta organização. O Grupo de Osasco foi incorporado a VPR como responsável pelo “setor de massas” do movimento. Outro ponto dessa organização que agradou os militantes osasquenses foi a estrutura de colegiado referente ao comando da mesma, diferindo de outras organizações, como a ALN (Aliança Libertadora Nacional), que tinha em Carlos Marighella sua liderança máxima. Antes mesmo do AI-5, os militantes do Grupo de Osasco já estavam mergulhados na clandestinidade, incorporados à guerrilha urbana, em uma nova fase de militância, longe do prestígio dos tempos do CEO e do sindicato.

Encaramos a VPR como um partido político, não no sentido institucional do termo, mas na concepção desenvolvida por Antonio Gramsci, como um “*organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha se iniciado a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e fundamentada parcialmente na ação; (...) a primeira célula na qual se aglomeram germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais*” (Antonio GRAMSCI. *Maquiavel: a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 6), Pois bem, a VPR era um organismo político, articulado enquanto partido, ainda em sua fase de construção e articulação, com objetivos

revolucionários, tendo por meta a derrubada do regime militar. Num primeiro momento se vislumbrava uma ação conjunta com outras organizações revolucionárias, em um movimento que partiria do foco guerrilheiro, e aos poucos se espalharia por todo o país, contagiando a sociedade, a ponto de já na fase final largas parcelas da população estarem comprometidas com a luta revolucionária, como fora em Cuba. Em princípio a VPR seria uma força em movimento, mas seu corpo teórico, que herdara boa parte das teses da POPOP, possuía propostas para uma futura coalizão de poder; nessa fase, as propostas de maior densidade teórica e prática tornar-se-iam hegemônicas, e certamente a VPR iria pleitear este posto. Mas a luta estava em seus princípios, e àquela altura a organização estava se constituindo, subdividida por três grandes tendências internas.

A tendência hegemônica era representada pelos remanescentes do racha da Polop, que mantiveram as principais teses desta organização, sobretudo a que indicava a necessidade de uma passagem imediata ao socialismo no pós-revolução, ao contrário de outras organizações, como a ALN, que defendiam uma etapa nacional popular anterior à supressão do capitalismo. Os polopistas se baseavam nas teorias de Lênin, Rosa Luxemburgo e Trotsky, passando por influências mais contemporâneas (década de 60), como Brandler e Talheimer; além de teóricos que prognosticavam a estagnação econômica do país em curto prazo, como Celso Furtado, André Gunder Frank e Caio Prado Junior. Os polopistas, adeptos da luta armada, adicionariam a esse leque teórico o pensamento de Che Guevara e Régis Debray, partidários da teoria do foco guerrilheiro. Já como VPR, os principais teóricos deste partido-organização seriam João Quartim de Moraes (que não fizera parte da Polop, mas acolhera suas teses) e Ladislau Dowbor (Jamil Rodrigues), que incorporaria a esse grupo guerrilheiro o pensamento de Frantz Fanon, e também adicionaria elementos do modelo revolucionário argelino.

Outra tendência interna à VPR era o MRN, representado por militares de esquerda cassados com o golpe de 64. Esses militantes não possuíam a mesma bagagem teórica dos polopistas, eram movidos por um sentimento de revolta contra a ditadura, adeptos de um nacionalismo radical e anti-imperialista, altamente militaristas e voltados à ação. No pós-golpe, aproximaram-se do brizolismo, tentaram por duas vezes articular focos guerrilheiros e a segunda tentativa ficou conhecida como a Guerrilha de Caparaó, rapidamente desbaratada pela repressão. Nos remanescentes do MNR, estava o braço armado da VPR.

A terceira força era o Grupo de Osasco, com forte experiência no trabalho de massas, porém, de pouca densidade teórica, movidos por um obreirismo difuso, embasado por leituras iniciais de teoria marxista e leninista. A falta de densidade teórica do Grupo de Osasco pode ser explicada pela pouca idade de seus membros, todos na faixa dos vinte anos.

Estes eram os principais grupos internos da VPR, e a convivência entre tais tendências não seria harmônica, levando a inevitáveis expurgos e rachas. O grande ponto de atrito foi a questão do militarismo extremado desta organização, as divergências se deram sempre que se propôs recuos e o Grupo de Osasco participou ativamente desses debates, sempre coerente com suas premissas obreiristas e pelo trabalho de massas.

Outro elemento a conferir destaque a Osasco no seio da esquerda foi a adesão de Carlos Lamarca e seu grupo (composto pelo sargento Darcy Rodrigues, o cabo José Mariane e soldado Carlos Roberto Zanirato) à VPR, confirmada após espetacular fuga do capitão do quartel de Quitaúna, em princípios de 1969; na fuga, foram levados do 4º Regimento de Infantaria 63 fuzis FAL. Lamarca e seu grupo se aproximaram de Onofre Pinto, que servira em Quitaúna no início da década de sessenta, tendo se destacado como grande liderança entre os sargentos, cassado após o Golpe de 64. Onofre Pinto era a principal liderança dos reminiscentes do MNR em São Paulo, os mesmos que se tornariam uma das principais forças da VPR.

Os contatos entre o Grupo de Osasco e os militares dissidentes de Quitaúna foram esparsos até o engajamento de ambos os núcleos na luta armada; militantes como José Ibrahim e Roque Aparecido da Silva participaram de discussões políticas com o grupo de Lamarca, porém uma aproximação maior entre as duas forças só foi se efetuar na VPR (informações obtidas em entrevistas com Antonio Roberto Espinosa, maio de 2008, e João Quartim de Moraes, junho de 2008, Roque aparecido da Silva, novembro de 2008 e José Ibrahim, Janeiro de 2009).

No entanto, a afinidade entre os movimentos osasquenses sofreu um corte com o racha da VPR, ocorrido em setembro de 1969, motivado pela fusão com o COLINA. O capitão Lamarca e seus companheiros, em princípio, aderiram à nova sigla, porém, em pouco tempo, se ressentiram da nova orientação da organização recém constituída e reativaram a VPR, modificando sua linha de atuação, incorporando as teses de Ladislau Dowbor (Jamil), até então um quadro marginal no agrupamento, tornando-se uma organização ultra-militarista, com a adoção de táticas inspiradas na revolução argelina. Os militantes do Grupo de Osasco ainda em atuação (José Ibrahim e Roque Aparecido da Silva já estavam presos) aderiram à VAR-PALMARES - aliás, dentre os dirigentes da nova organização se encontrava Antonio Roberto Espinosa. A VAR-PALMARES propunha um certo recuo tático nas ações armadas, retornando ao trabalho de massas, tanto no campo como na cidade, sem, contudo, abandonar a luta guerrilheira. O novo agrupamento foi constituído a partir de uma fusão da VPR com a Colina (organização de origem semelhante à da VPR, composta por remanescentes da POLOP e do MRN que atuavam em Minas Gerais e no Rio de Janeiro), e sua proposta de recuo tático não agradou aos militaristas, sobretudo

àqueles oriundos do MRN (não obstante, nem todos os militantes desta organização se negaram a entrar para a VAR-PALMARES), que optaram por aderir à nova VPR.

A VAR-PALMARES teria fôlego curto, em princípios de setenta seus principais dirigentes já estavam presos, dentre eles Antonio Roberto Espinosa. A VPR seria extinta em 1973, após o extermínio de seus últimos combatentes. A última liderança do Grupo de Osasco a ser contida foi José Campos Barreto, que tombou juntamente com o capitão Lamarca no sertão da Bahia de 1971. Os demais membros do grupo ou se afastaram quando do acirramento da luta (como dito acima, o Grupo de Osasco, em meados de 1968, chegou a ter em torno de sessenta pessoas, entre membros mais atuantes e bases de apoio), ou se encontravam presos, exilados, ou mortos.

Entendemos o Grupo de Osasco como um movimento político em fase embrionária, o que lhe dava coesão era o marxismo. Em sua fase mais avançada, os militantes osasquenses começaram a se aproximar do leninismo, o que os predispôs à luta armada revolucionária. De movimento hegemônico no meio estudantil e operário de sua cidade, após aderir à VPR, o Grupo de Osasco se tornou mais uma tendência interna a essa organização, em disputa pela hegemonia.

Assim sendo, partiremos para nossa análise do Grupo de Osasco amparados pelas teorias de Gramsci, com ênfase em sua idéia de partido político orgânico, e também no que respeita à disputa interna ao partido pela conquista da Hegemonia (quando as adesões à VPR), ampliando este conceito para o debate inter-esquerdas. Da análise do leninismo, delinearemos a configuração interna organizacional da VPR, e também alguns preceitos que serviram de base ao obreirismo do Grupo de Osasco. Para as teorias revolucionárias correntes, nos propomos uma leitura atenta do pensamento de Che Guevara e Régis Debray, para uma melhor compreensão da teoria do foco. Também nos propomos um retorno a autores clássicos como Rosa Luxemburgo e Trotsky. Para um melhor entendimento conjuntural, teremos como base os teóricos estagnacionistas mencionados acima, e também autores como Rui Mauro Marini (ex-polopista), em seu estudo *Dialética da Dependência*, Petrópolis, Vozes, 2000; outro suporte teórico buscaremos em Paul Singer, em seu estudo *A Crise do Milagre: interpretação crítica da economia brasileira*, São Paulo, Editora Paz e Terra, 1985 para entendermos os limites dos teóricos estagnacionistas, que empolgaram os teóricos da guerrilha, dentre outros estudos relevantes ao tema.

Situamos nossa pesquisa no terreno História Social, mais especificamente *História dos Movimentos Sociais*. Nosso foco de análise se dará sobre movimentos que se orga-

nizaram à margem do e contra o Estado, mas nem por isso deixaremos de analisar esse Estado, justamente para entender a natureza da crítica dos grupos que se opunham ao mesmo.

Trabalharemos com fontes documentais textuais e orais. As primeiras são inquéritos policiais e documentos produzidos pelas organizações clandestinas revolucionárias (panfletos, manifestos, periódicos). Estes documentos podem ser encontrados no acervo do DEOPS-SP, presentes no Arquivo do Estado de São Paulo, no CEDEM (Centro de Documentação e Memória da UNESP), no Arquivo Edgard Leuenroth, na UNICAMP, no Arquivo Público do Rio de Janeiro, no Arquivo Nacional (Rio de Janeiro e Brasília) e no Arquivo do Tribunal Superior Militar, de Brasília.

Sobre as fontes orais, serão usadas principalmente no que tange ao Grupo de Osasco, posto que as referências textuais sobre o mesmo são escassas. Trabalharemos com História Oral híbrida, dialogando com outros documentos. As entrevistas estão sendo obtidas via gravação, em formato mp3, e estão sendo arquivadas em formato digital, assim como suas transcrições. Já entrevistamos Antonio Roberto Espinosa (5 entrevistas), José Ibrahim, Roque Aparecido da Silva, Manuel Dias do Nascimento, Stanislau Zermeta, Celso Lungaretti, João Martin de Moraes, Maria Lígia Martin de Moraes e Ladislau Dowbor.

Justifico esse tema pelo atual esforço coletivo que vem sendo realizado por pesquisadores que buscam esclarecer a sociedade sobre os eventos que ocorreram no Brasil durante o período ditatorial. O regime de exceção iniciado com o golpe de Estado em 1964 representou um dos períodos mais obscuros da História de nosso país. Um resgate da trajetória de jovens militantes como aqueles organizados no Grupo de Osasco pode trazer à sociedade atual uma reflexão sobre os limites da Democracia, sobre formas de atuação social e sobre as incertezas do radicalismo.

Até que ponto se deve ir na defesa de ideais? O núcleo radical do Grupo de Osasco foi até às últimas conseqüências, sua trajetória de dor e esperança tem muito a dizer às novas gerações, e é isto que pretendo mostrar com esse projeto.

De acordo com Jean Chesneaux, *“esse passado, próximo ou longínquo, tem sempre sentido para nós. Ele nos ajuda a compreender melhor a sociedade na qual vivemos hoje, a saber o que defender e preservar, saber também o que mudar e destruir. A História tem uma relação ativa com o passado. O passado está presente em todas as esferas da vida social”* (Jean CHESNEAUX. *Devemos fazer tabula rasa do passado? Sobre a história e os historiadores*. Tradução de Marcos Silva. São Paulo, Ática, 1994, p. 22).

Pois é o esclarecimento de um passado sombrio que motiva toda uma geração de pesquisadores, interessados na manutenção incondicional da democracia e pelo combate a todo e qualquer resquício autoritário.

Recebido em maio/2009.

Nota

* Mestrando em História Social na FFLCH/USP. E-mail: sl Luiz76@usp.br